

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA – DEFIL
CURSO DE LICENCIATURA EM FILOSOFIA

JOSENILDO DOS SANTOS SILVA

**FABRICAÇÃO DA MENTIRA NA CONTEMPORANEIDADE E A
AMEAÇA AO ESPAÇO PÚBLICO: uma análise a partir de Hannah
Arendt**

SÃO LUÍS
2023

JOSENILDO DOS SANTOS SILVA

**FABRICAÇÃO DA MENTIRA NA CONTEMPORANEIDADE E A
AMEAÇA AO ESPAÇO PÚBLICO: uma análise a partir de Hannah
Arendt**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em
Filosofia da Universidade Federal do Maranhão como
requisito para obtenção do grau de licenciatura em
Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha.

SÃO LUÍS
2023

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

dos Santos Silva, Josenildo.
FABRICAÇÃO DA MENTIRA NA CONTEMPORANEIDADE E A AMEAÇA
AO ESPAÇO PÚBLICO : uma análise a partir de Hannah Arendt
/ Josenildo dos Santos Silva. - 2023.
50 f.

Orientador(a): Luciano da Silva Façanha.
Monografia (Graduação) - Curso de Filosofia,
Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2023.

1. Ação. 2. Espaço público. 3. Mentira. 4.
Política. 5. Veracidade. I. da Silva Façanha, Luciano.
II. Título.

JOSENILDO DOS SANTOS SILVA

**FABRICAÇÃO DA MENTIRA NA CONTEMPORANEIDADE E A AMEAÇA AO
ESPAÇO PÚBLICO: uma análise a partir de Hannah Arendt**

Monografia apresentada ao Curso de graduação em
Filosofia da Universidade Federal do Maranhão como
requisito para obtenção do grau de licenciatura em
Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha.

Aprovada em: ____ de _____ de 2023.

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Luciano da Silva Façanha (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof^a. Dr^a. Maria Olívia Serra
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof^a. Dr^a. Zilmara de Jesus Viana de Carvalho
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

A minha família, sobretudo à nova geração.

AGRADECIMENTOS

À minha família, pelo apoio proporcionado durante minha escolha ao curso de Filosofia; pelo incentivo durante o percurso de formação acadêmica e por sempre motivar à conclusão do Curso.

Às amigas Ivana Francisca e Amanda Moreira, que no começo do curso formamos “trio” e começamos a “desbravar” a UFMA – conhecendo a Universidade. À Tatiele Efigênia, que logo depois se juntou a nós, dividindo sorrisos e aflições.

À companheira de muitos momentos tensos e felizes, Thamires Monteiro, por ter permitido a vivência na Universidade mais doce e capaz; a qual dividimos um longo percurso, estando comigo ao longo dos anos, me apoiando nos momentos necessários e dividindo o percurso de formação no Curso; por me ajudar na escolha do tema desta monografia (juntamente com Vinicius Maranhão, o qual agradeço também).

À amiga Samara Gomes, pelas vivências durante a graduação e por fazer parceria da vida.

Às amigas Luziângela Cordeiro e Anacleta Cordeiro, pela imensa ajuda, proporcionando ser possível o sonho da Universidade.

Aos amigos da Residência Universitária da UFMA (e pela existência da REUFMA), unidade Centro, pelos bons e tensos momentos vivenciados. Em especial a Eraldo, Emerson, Mendonça, Rafael (que não está mais entre nós), Lucas, Carlos, Janielson e Marcelo.

Ao orientador Prof. Dr. Luciano Façanha, por ter aceitado a proposta deste trabalho.

À professora Marilda Martins, pela parceria ao longo da trajetória acadêmica.

Ao Grupo PET Conexões Espaços Sociopedagógicos, o qual tive a honra de ser integrante.

À amiga Juanilce Rodrigues por vibrar por cada conquista minha, seja acadêmica, seja em outros aspectos da vida. E estando a todo tempo incentivando na conclusão desta monografia, acompanhando em cada linha desenvolvida.

Aos amigos Keysça Barbosa e Eraldo Júnior, pela força na conclusão desta pesquisa.

A todos os amigos e colegas que tive a oportunidade de trocar experiências, conversas, afetos.

Mentiras são frequentemente muito mais plausíveis, mais clamantes à razão do que a realidade, uma vez que o mentiroso tem a grande vantagem de saber de antemão o que a plateia deseja ou espera ouvir. Ele prepara sua história com muito cuidado para consumo público, de modo a torná-la crível, já que a realidade tem o desconcertante hábito de nos defrontar com o inesperado para o qual não estamos preparados.

Hannah Arendt, in Crises da República.

RESUMO

A presente pesquisa desenvolve-se por meio de uma abordagem qualitativa dos eventos, tendo um aporte teórico objetivando-se a compreensão acerca do fenômeno da produção de informações falsas e suas implicações às diversas dimensões das ações humanas compreendidas a partir de Hannah Arendt (1906-1975). Nesse sentido, apresta-se como objetivo geral deste estudo analisar o fenômeno da disseminação da mentira no âmbito político na contemporaneidade, tendo como aporte Hannah Arendt, pontuando em que medida os impactos e as consequências dessa fabricação de informações falsas constituem-se como elemento de ameaça ao espaço público. Para tanto, recorre-se como objetivos específicos: investigar os limites, as características e o espaço da ação humana; identificar os pressupostos e usos da mentira na política e; compreender em que medida a disseminação de informações falsas promove uma crise no espaço público. Nessa perspectiva, serão realizados levantamentos bibliográficos da obra “Entre o Passado e o Futuro”, com ênfase no ensaio “Verdade e Política”, de Hannah Arendt. Ainda, as obras da mesma autora, “A Condição Humana”, “Crises da República” e “Origens do Totalitarismo” serão trabalhadas como auxílio para a construção da referida pesquisa. O corpus do estudo será estruturado, além disso, através dos estudos e contribuições desenvolvidas nos últimos anos no que diz respeito ao tema proposto. Assim, a construção do presente trabalho buscará uma concepção dos diversos aspectos da fragilidade dos fatos, por meio da mentira organizada, e suas possíveis consequências para a esfera pública. Partindo-se, dessa forma, de uma análise histórica desse fenômeno, consolidando com uma projeção na atualidade.

Palavras-chave: veracidade, mentira, política, espaço público, ação.

ABSTRACT

The present research will be developed through a qualitative approach to the events, having a theoretical contribution aiming at the understanding about the phenomenon of the production of false information and its implications to the various dimensions of human actions understood from Hannah Arendt (1906-1975). In this sense, the general objective of this study is to analyze the phenomenon of the dissemination of lies in the political sphere in contemporary times, with Hannah Arendt as a contribution, pointing out to what extent the impacts and consequences of this manufacture of false information constitute an element of threat to the public space. To this end, the following specific objectives are used: to investigate the limits, characteristics and space of human action; identify the assumptions and uses of lying in politics and; Understand to what extent the dissemination of false information promotes a crisis in the public space. In this perspective, bibliographic surveys of the work "Between the Past and the Future" will be carried out, with emphasis on the essay "Truth and Politics", by Hannah Arendt. Still, the works of the same author, "The Human Condition", "Crises of the Republic" and "Origins of Totalitarianism" will be worked as an aid to the construction of this research. The corpus of the study will be structured, in addition, through the studies and contributions developed in recent years with regard to the proposed theme. Thus, the construction of the present work will seek a conception of the various aspects of the fragility of the facts, through the organized lie, and its possible consequences for the public sphere. Starting from a historical analysis of this phenomenon, consolidating with a projection in the present.

Keywords: truthfulness, lie, politics, public space, action.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	10
2 A VITA ACTIVA E O ESPAÇO PÚBLICO	14
2.1 A Vita Activa	14
2.1.1 Trabalho	15
2.1.2 Obra	17
2.1.3 Ação	17
2.2 Espaço público	20
2.2.1 O domínio público	20
2.2.2 O domínio privado	24
3.0 VERDADE E POLÍTICA	27
3.1 O percurso entre verdade e política	27
3.2 Verdade fatural	30
4 FABRICAÇÃO DA MENTIRA NA CONTEMPORANEIDADE E A AMEAÇA AO ESPAÇO PÚBLICO	33
4.1 A fabricação da mentira na contemporaneidade	33
4.2 A mentira organizada no Brasil	37
4.3 A ameaça ao espaço público	39
4.4 O combate à produção da mentira organizada contemporânea	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No presente estudo pretende-se analisar, a partir de Hannah Arendt, as manifestações e efeitos da fabricação de informações falsas para o espaço público. Para tanto, almeja-se investigar o espaço da ação humana, entendido como o próprio mundo, verificando suas características e importância de sua manutenção nas democracias. Em face disso, objetiva-se identificar a deliberação da mentira na política, verificando seu alinhamento a pressupostos ideológicos e, conseqüentemente, se se configura como objeto de ameaça à ação humana na atualidade, sobretudo, observando o grande desenvolvimento de mecanismos e facilidade de publicizar opiniões em contraste à fragilidade em que colocam a verdade dos fatos.

Por meio das crescentes ondas e divulgações de informações distintas do plano factual, que têm como objetivo a manipulação dos fatos, em decorrência, pois, de interesses políticos, assim como a possível banalidade desses mecanismos de dissimulação da verdade e a conseqüente aniquilação das relações humanas, pretende-se analisar os impactos e conseqüências dessa fabricação da mentira ao campo da pluralidade entre os homens na contemporaneidade.

Em vista disso, parte-se das investigações de Hannah Arendt no que tange à ideia de espaço público e à relação entre veracidade e política. Assim, recorre-se como referência bibliográfica ao ensaio “Verdade e Política”, presente na obra “Entre o Passado e o Futuro”. Além disso, fundamenta-se nas noções de espaço público para essa autora, bem como na dimensão humana por meio da ação, presentes em “A Condição Humana”. Explora-se, ainda, “Origens do Totalitarismo” e “Crises da República” buscando-se uma análise contemporânea acerca de temas e problemas que pulsam da democracia no presente.

De origem judia, Hannah Arendt nasceu em 1906, em Hannover, Alemanha. Ingressou, em 1924, na Universidade de Berlim. Foi aluna de Martin Heidegger e Karl Jaspers. Vivenciou os horrores da perseguição nazista, sendo obrigada a exilar-se nos Estados Unidos da América, em 1941. Foi professora na New School for Social Research, Nova Iorque. Arendt foi uma importante pensadora do século XX,

interessada, principalmente, na reflexão política e filosófica acerca de fenômenos que permitiram a ascensão de movimentos baseados no terror e na ideologia, proporcionando barbáries e construindo uma sociedade do desamparo, construindo caminhos tão obscuros da humanidade. Hannah Arendt publicou diversas obras de cunho filosófico e político, entre elas “Origens do Totalitarismo”, “A condição humana”, “Homens em tempos sombrios”, “Eichmann em Jerusalém”, nas quais se analisam os pressupostos norteadores da destruição da vontade humana, não proporcionando a aceitação e justificação dos acontecimentos, mas buscando, entre outros sentidos, a compreensão dessa destruição para que não se repita na história. Além de “pensar o que estamos fazendo”, trazendo reflexões sobre o “homem moderno”, da construção política desenvolvida atualmente. Hannah Arendt faleceu em dezembro de 1975, na cidade de Nova Iorque.

Trazendo como roteiro temático, no primeiro capítulo desta pesquisa verifica-se A VITA ACTIVA E O ESPAÇO PÚBLICO, demonstrando as atividades fundamentais indicadas por Arendt e o local de contextualização das relações humanas. Recorre-se, desse modo, como ponto de partida, à descrição acerca das atividades referentes à Vita Activa, a saber, o trabalho, a obra e a ação, indicando nessas atividades qual está diretamente relacionada à política, ponto central para nossas investigações no presente estudo. Encontra-se, nessa perspectiva, a importância de a expressão Vita Activa ser descrita, para que tenha o fio de análise a se seguir, no qual se pontuará a ação como a atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação de coisas nem concernente às pulsões instintivas. Atividade que possibilita a realização política. No que se segue, o espaço público será descrito como o meio em que ocorre o envolvimento dos indivíduos entre indivíduos, destinado a assuntos de interesse coletivo, onde ocorre o desenvolvimento político.

No segundo capítulo, VERDADE E POLÍTICA, faz-se um panorama, trazendo o percurso histórico entre veracidade e política e o envolvimento destas na contemporaneidade, evidenciando-se que a veracidade nunca esteve elencada entre as virtudes indispensáveis ao desenvolvimento do exercício político, diferentemente das tradicionais virtudes que sempre foram consideradas como atinentes a esse processo político, a saber a coragem e a habilidade. Outrossim, analisa-se se esse fenômeno da fabricação da mentira amplamente difundido hoje em dia representa ameaça ao domínio comum, o público.

Do mesmo modo, revelando-se o espaço de realização da vida pública, e as potencialidades da ação humana, pautadas no plano da ação, excelência, pois, da política, evidencia-se os vários contextos entre os fatos (verdades fatuais) e a produção sistemática da mentira na contemporaneidade. Se antes as mentiras no âmbito político baseavam-se em questões de natureza da utilidade, ocultando segredos de Estado (de inimigos e conflitos), evitando, também, opções mais violentas (aqui encontrando de certa forma a justificção para a mentira, como exceção ao direito de sempre apresentar uma descrição fidedigna pública dos acontecimentos), hoje a facilidade com que as ferramentas de manipulação da verdade fatural ocorrem, promovem um espaço de grande fragilidade dos fatos, recaindo no espaço da produção da mentira, por meio de ferramentas de fácil divulgação e manipulação. Notando que com essa amplitude de ferramentas ocorre a mudança da produção das mentiras, não ficando restrita por parte do governo, através da propaganda, mas abarcando de certo modo a comunidade, “pessoas comuns”, não se sabendo na maioria dos casos de onde se originam tais mentiras, no entanto, viralizando de forma extraordinária através dos mecanismos desenvolvidos hoje em dia, como se verificar no capítulo aqui descrito. Observando com a nossa autora em estudo que “a marca distintiva na verdade fatural consiste em que seu contrário não é o erro, nem a ilusão, nem a opinião, nenhum dos quais se reflete sobre a veracidade pessoal, e sim a falsidade deliberada, a mentira”. (ARENDR, 2016, p. 308).

Ainda, explora-se os efeitos da fabricação e disseminação da mentira no espaço brasileiro, sobretudo por meio das redes virtuais de comunicação, indicando o grande impulsionamento dessa mentira deliberada na tomada de decisão de questões que envolvem todo o País, – eleições presidenciais dos últimos anos, a exemplo. Notando-se o constante cuidado e repúdio a essa veiculação de informações falsas no espaço político, bem como verificando formas de dissolução desse fenômeno no Brasil.

Eventos ocorridos nos últimos anos, revelam o crescimento exorbitante da fabricação da mentira organizada, sobretudo no âmbito político, estando, pois, a serviço de interesses de grupos específicos.

A partir do contexto explanado das atividades fundamentais das relações humanas, e o local onde é permitido o desenvolvimento das potencialidades, por meio

da ação e fazendo-se o uso da linguagem. Ademais, compreendendo o percurso entre veracidade e política, sobretudo, pontuadas por Hannah Arendt, evidencia-se a mudança entre o contexto da divulgação de mentiras, colocando, aqui, a possível aniquilação do âmbito público, a qual será abordada no terceiro capítulo, FABRICAÇÃO DA MENTIRA NA CONTEMPORANEIDADE E A AMEAÇA AO ESPAÇO PÚBLICO. Em vista disso, será trabalhada a temática da fabricação da mentira na contemporaneidade; a mentira organizada no Brasil, uma vez que o espaço público brasileiro, nos últimos anos, encontra-se amplamente cerceado por parte da produção sistemática da mentira; a ameaça ao espaço público, entendendo-se como a mentira afeta o âmbito público e, por fim, indicar possíveis formas de combate à produção da mentira, possibilitando um espaço público livre de ameaça por parte da mentira, constituído do envolvimento de homens entre homens, da pluralidade, capaz de linguagem e ação.

Nesse sentido, apresenta-se a problemática da presente pesquisa, a saber, os verdadeiros impactos e as consequências da disseminação da mentira organizada inserida da política atualmente e como o espaço da pluralidade entre os homens encontra-se circunscrito pela fabricação de mentiras. Isto posto, apresenta-se o desdobramento deste trabalho, visto que se faz necessário à compreensão e análise para o campo filosófico-político, uma vez que são essenciais para o fazer e agir humano, sobretudo à preservação da liberdade.

2 A VITA ACTIVA E O ESPAÇO PÚBLICO

Encontra-se a descrição das atividades humanas fundamentais, sob as quais se desenvolve a vida no mundo comum, a condição humana, possibilitada pela inserção do homem através da natalidade, a qual se verificará como a condição da realização política por excelência. Assim, descrevendo cada atividade e indicando a qual categoria da vida está relacionada, de igual modo, indicando qual está intrinsecamente no campo das relações humanas. Ainda, reconhecendo o espaço de consolidação da vida pública, demonstrando o interesse para a coletividade, um ambiente propício à discussão e formação do mundo comum.

2.1 A Vita Activa

A cada nova geração, cada nascimento, o mundo ganha a predisposição para o novo. Cada ser humano, pela capacidade intrínseca da diferença entre os demais — por pertencer à categoria de ser humano, não existe no mundo um homem igual a outro —, vem ao mundo com a esperança de exercer algo novo e, nesse sentido, contribuir com algo positivo no espaço em que está sendo inserido, fenômeno permitido por meio da natalidade.

Nesse percurso, para o envolvimento do homem com o mundo e de homens entre homens, verifica-se as atividades às quais correspondem à expressão da vita activa. Porquanto, analisa-se primeiramente essas atividades para no momento seguinte indicar como se dá o envolvimento do espaço público, o qual será investigado, indicando qual atividade humana fundamental está diretamente relacionado a esse âmbito de apresentação e aparição público.

O trabalho, a obra e a ação constituem o tripé para o processo vital do ser humano no mundo, o qual entende-se por Vita Activa. A cada uma dessas atividades correspondem aspectos fundamentais, sob as quais possuem características inerentes a cada uma delas. Essas atividades básicas do ser humano estão relacionadas à natalidade, uma das características mais gerais da condição humana, visto que é por meio desta que se permite a contextualização com o mundo.

Todas as três atividades e suas condições correspondentes estão intimamente relacionadas com a condição mais geral da existência humana: o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade. O trabalho assegura não apenas a sobrevivência do indivíduo, mas a da espécie. A obra e seu produto, o artefato humano, conferem uma medida de permanência e durabilidade à futilidade da vida mortal e ao caráter efêmero do tempo humano. A ação, na medida em que se empenha em fundar e preservar corpos políticos, cria a condição para a lembrança [remembrance], ou seja, para a história. (ARENDDT, 2020, p. 11).

Porém, no seio dessas características, a ação envolve-se como a atividade básica que está mais diretamente ligada à natalidade, visto que é na ação que ocorre a pluralidade, fenômeno que se dá entre os homens. Cada novo ser humano que nasce vem com capacidade de agir, e a natalidade é a categoria central do pensamento político. O discurso revela-se como ponto marcadamente essencial para a construção da vida no espaço público. Por meio da natalidade pode-se esperar que o novo aconteça, uma nova história possa brotar no mundo exercendo o poder do agir, da liberdade. O homem, como ser de linguagem, capaz de realização, por meio da ação, exerce a pluralidade, buscando uma melhor maneira de convivência no âmbito das relações públicas.

Dessa forma, para uma investigação mais detalhada dos aspectos da *vita activa*, verifica-se essas atividades, indicando a qual condição humana estão intimamente ligadas. Tais atividades são fundamentais ao desdobramento humano no mundo, porque a cada uma delas tem equivalência com a condição humana na Terra. Nesse sentido, como veremos adiante, cada atividade apresenta uma característica específica.

2.1.1 Trabalho

Dentre os aspectos que compõem a estrutura básica de permanência do homem no mundo e pontuados nesse percurso, assim, por Arendt, o trabalho, primeira atividade fundamental da *vita activa* a ser descrita, confere ao homem a fluidez do ciclo biológico. Isto é, diz respeito à vida do homem enquanto indivíduo e à vida da espécie humana, às necessidades que são inerentes ao simples estar vivo.

Como verifica-se em Arendt (2020, p. 9):

O trabalho é a atividade que corresponde ao processo biológico do corpo humano, cujos crescimento espontâneo, metabolismo e resultante declínio estão ligados às necessidades vitais produzidas e fornecidas ao processo vital pelo trabalho. A condição humana do trabalho é a própria vida.

O trabalho corresponde à condição humana da própria vida e enquanto indivíduo isolado, sem que tenha o envolvimento direto com outros homens. Isto é, envolve o processo biológico do corpo humano, às necessidades características da existência do indivíduo, consolidadas entre o seu nascimento e morte. A exemplos de tais atividades, alimentar-se e dormir.

Além disso, a atividade do trabalho está relacionada ao domínio da privacidade, uma vez que sua realização ocorre visando sua própria subsistência. Não cria artefatos para o mundo, nem sua validade é atestada por outros homens. Essa atividade pode ocorrer no isolamento, apenas o indivíduo com ele mesmo.

Assim,

Ao contrário da produtividade da obra, que acrescenta novos objetos ao artifício humano, a produtividade da força de trabalho só incidentalmente produz objetos e preocupa-se fundamentalmente com os meios de sua própria reprodução; além disso, como a sua força não se extingue quando sua reprodução já está assegurada, ela pode ser utilizada para a reprodução de mais de um processo vital, mas nunca “produz” outra coisa senão “vida”. (ARENDR, 2020, p. 108).

Desse modo, nota-se que a atividade do trabalho não visa a manutenção de um mundo comum, antes tem a ver com o próprio isolamento do indivíduo, marcado pela sempre necessária manutenção da vida primitiva, sem que esteja disposta ao envolvimento de criação do mundo ou associação direta com seus pares. Está envolvida no cíclico atinente à natalidade e à mortalidade do indivíduo, enquanto perdura no mundo.

2.1.2 Obra

A obra ou fabricação envolve o processo de criação de coisas não naturais no mundo e para o mundo. Assim, envolve a criação de coisas, objetos, à criação do mundo por meio do próprio homem, na medida em que se utiliza de artefatos naturais para produção de objetos que servirão às demais gerações e conferem uma dinâmica de consolidação com o mundo, para além do que o homem vivencia enquanto mero estar no mundo, obedecendo ao seu ciclo biológico.

A obra é a atividade correspondente à não-naturalidade [unnaturalness] da existência humana, que não está engastada no sempre-recorrente [ever-recurrent] ciclo vital da espécie e cuja mortalidade não é compensada por este último. (...) A condição humana da obra é a mundanidade [worldliness]. ARENDT (2020, p. 9).

Confere, assim, ao homem, um aspecto de fabricar artefatos que perpassam ao ciclo vital do ser humano, promovendo a criação de um mundo que vai além do simples estar vivo, visto que se projeta para durar. A condição humana na obra é a mundanidade. Denota-se a questões da utilidade.

2.1.3 Ação

O homem desdobra-se com os outros homens. Através da linguagem vai inserindo-se no mundo permeado de outros seres humanos. O discurso valida-se como o ponto de encaixe, da manifestação do homem no mundo para além de seu aspecto natural. O discurso, o agir do homem o revela perante o mundo, na companhia de outros. “É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano, e essa inserção é como um segundo nascimento, no qual confirmamos e assumimos o fato simples do nosso aparecimento físico original”. (ARENDT, 2014, p. 218).

Nesta atividade humana fundamental da vida do homem na Terra são conferidos ao homem os aspectos da vivência partilhados de outros homens. A ação encontra refúgio na consolidação da fuga, por assim dizer, dos aspectos instintivos do primeiro nascimento humano, que é a chegada ao mundo, através do nascimento,

para após um processo de identidade e diferença, mas não essencialmente do ponto de vista da alteridade¹, ter seu pleno desenvolvimento nos assuntos humanos. Por meio da construção do mundo através do discurso e da ação, propicia um espaço de formação e aparecimento das formas políticas. Nesse contexto, confiando ao homem e aos homens o pleno desenvolvimento de suas características humanas, ultrapassando as formas primitivas de sua existência, perpassando para formas mais elaboradas da confluência dos indivíduos, inserindo seu pleno estar no mundo.

Desse modo, notando em Hannah Arendt (2020, p. 9):

A ação, única atividade que ocorre diretamente entre os homens, sem a mediação das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que os homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo.

Nesse sentido, percebe-se que a concepção de homem em Hannah Arendt se dá por meio da pluralidade, parte na condição da atividade fundamental da ação. Nesse aspecto, entendendo-se que o mundo é habitado por homens, vários sujeitos, e não que ele esteja isolado na Terra, diferentemente do trabalho e da obra, que estão intrinsecamente encadeadas no próprio homem enquanto sujeito particular. Dado isso, o homem articula-se com os demais por meio da ação e do discurso.

Nessa perspectiva, de acordo com a autora em estudo:

A pluralidade humana, condição básica da ação e do discurso, tem o duplo aspecto da igualdade e da distinção. Se não fossem iguais, os homens não poderiam compreender uns aos outros e os que vieram antes deles, nem fazer planos para o futuro, nem prever as necessidades daqueles que virão depois deles. Se não fossem distintos, sendo cada ser humano distinto de qualquer outro que é, foi ou será, não precisariam do discurso nem da ação para se fazerem compreender. Sinais e sons seriam suficientes para a comunicação imediata de necessidades e carências idênticas. (ARENDR, 2020, p. 217-218).

¹ Como se nota em A Condição Humana, esse aspecto da distinção do homem com outros homens, não confere uma visão unicamente vinculada ao sentido da alteridade, capaz de diferir e perceber a diferença de tudo que existe, definindo algo demonstrando a diferença desse algo com uma coisa que existe. Isto é, definir alguma coisa distinguindo-a de outra. Hannah Arendt considera a alteridade como importante para o processo da pluralidade, porém, do ponto de vista da ação, interessa o cenário da identidade e da diferença que o homem faz, o qual é capaz de se definir e distinguir-se daquilo que não é.

Entendendo-se o pensamento da autora no contexto político-social contemporâneo, nota-se que o homem, para além de suas atividades que estão intimamente relacionadas com seu próprio corpo, a saber, o trabalho e a obra, existe a terceira atividade fundamental humana, que permite a inserção do sujeito no mundo construindo com os demais - e ele próprio, por meio na natalidade, tendo a possibilidade de construir o mundo junto aos outros. Construção não no sentido de fabricação, aspecto da condição da mundanidade, mas por meio de palavras, do discurso, da ação - condição da pluralidade, princípio da política.

Dessa maneira,

Ao agir e ao falar, os homens mostram quem são, revelam ativamente suas identidades pessoais únicas, e assim fazem seu aparecimento no mundo humano, enquanto suas identidades físicas aparecem, sem qualquer atividade própria, na conformação singular do corpo e no som singular da voz. (ARENT, 2020, p. 222).

Dessa forma, o homem revelando-se seu "ser" a partir do momento em que faz uso da sua ação no mundo, onde pode-se notar suas ideias, e, conseqüentemente, fazer aparecer sua identidade, notando-se, entre outros termos, sua contribuição no contexto político-social no qual está inserido. Diante desse seu novo nascimento, o homem liberta-se e ao mesmo tempo propicia a liberdade de outros homens. Cria-se a condição para que novas ideias, coisas e tudo o mais o homem possa desenvolver, por meio da imaginação, a qual tem a mesma formação da ação. Portando essa característica, da pluralidade, é revelado o aspecto essencialmente político, de modo que se percebe que os homens são iguais e cada homem é um ser singular e, desse modo, amplamente inclinado a fazer o que nenhum homem já fez.²

² Cabendo menção ao fato de que esse amplo aspecto de possibilidades que o homem é capaz de desenvolver pelo simples nascimento, da natalidade, esse agir humano não necessariamente são apenas coisas boas, principalmente no âmbito político. A infinidade de condições de possibilidades que existe permite também à inclinação para a destruição do sentido humano, recaindo na construção de mecanismos e modelos políticos opressores. Colocando aqui a importância de uma boa formação para os novos recém-chegados à Terra, criando a esperança do agir para o bem.

O fato de o homem ser capaz de agir significa que se pode esperar dele o inesperado, que ele é capaz de realizar o infinitamente improvável. E isso, mais uma vez, só é possível porque cada homem é único, de sorte que, a cada nascimento, vem ao mundo algo singularmente novo. (ARENDDT, 2020, p. 220).

À vista disso, percebe-se que a atividade fundamental da ação está mais estreitamente relacionada à política. De outro modo, é a atividade humana que propicia e dá fundamento à existência da política. Na medida em que os homens se relacionam e agem conjuntamente, fundam e mantêm as estruturas políticas. O agir humano perpassa na confluência de outros indivíduos destinados à preservação do mundo (político). Assim, atestando a validade de a natalidade ser o ponto central do pensamento político, visto que é a partir da ação que se tem a contextualização com o mundo.

2.2 Espaço público

A partir do contexto da *vita activa*, em maior atenção à ação, posto que se dá diretamente na coletividade, permitindo-se vislumbrar questões políticas, evoca-se a noção de espaço público. Percorre-se, inicialmente, em caráter de análise, às noções de domínios público e privado e, conseqüentemente, à contraposição entre esses dois domínios, demonstrando o interesse de Arendt ao domínio do mundo comum – o público, que é o local onde ocorre diretamente entre os homens.

2.2.1 O domínio público

Arendt traz à luz dois fenômenos pertinentes ao entendimento do domínio público, pontuando, no primeiro sentido, “que tudo o que aparece em público pode ser visto e ouvido por todos e tem a maior divulgação possível” (ARENDDT, p. 61, 2020). Aqui, recorrendo-se à presença de outros sujeitos, de modo que a realidade é apresentada e testemunhada pelo fluxo do ver e ouvir de vários indivíduos, dando confiabilidade a essa realidade como é apresentada. Dito de outro modo, essa projeção ao público, a partir da presença de outros homens, compõe a tecitura do mundo comum neste primeiro sentido indicado por Hannah Arendt. Assim, as

vivências ocorridas no campo íntimo, ainda que sejam de grande relevância ao indivíduo (e não desprezadas totalmente por Arendt), não conferem a legitimidade no aspecto público, visto que não estão sujeitas às amplas visões e interpretações dos demais homens. Além disso, essa característica do íntimo está diretamente relacionada à outra categoria, a saber, ao trabalho, uma vez que ocorre na realidade do próprio indivíduo, sem que tenha a presença de outros indivíduos para atestar a veracidade dessa realidade. No entanto, como verifica-se em Arendt (2020, p. 61), a partir do momento em que ocorre o processo de desprivatização, por meio das manifestações artísticas de um modo mais amplo, a realidade íntima propõe um aspecto pertinente à esfera pública. Assim, já encontra-se, aqui, neste primeiro sentido, a validade de se constituir e manter o espaço comum, haja vista ser necessário à aparição das coisas, o ser visto e ouvido por todos. Por outro lado, sem descartar o espaço resguardado aos interesses particulares, da privatividade, uma vez que há assuntos e temas que só podem se desenvolver nesse âmbito privado, em que sua transferência ao campo público incorreria em sua dissolução. Como nota-se em Arendt (2020, p. 63):

(...) há muitas coisas que não podem suportar a luz implacável e radiante da constante presença de outros na cena pública; nesta, só pode ser tolerado o que é considerado relevante, digno de ser visto ou ouvido, de sorte que o irrelevante se torna automaticamente um assunto privado.

Cabendo ressalva, no entanto, ao fato de que a autora em estudo não considera irrelevantes todos os aspectos tratados no âmbito privado e que este guardaria apenas assuntos dessa natureza - irrelevantes. Em outras palavras, por sua validade e pertinência, os aspectos de natureza pública, que só podem ter sua aparição nesse âmbito, surgem como significativos ao passo que o âmbito privado, por não ser de interesse coletivo, tem a probabilidade de acomodar o desprezível, a princípio, mesmo que todos os assuntos da privatividade não sejam todos irrelevantes.

Destarte, o primeiro termo, como se viu, revela a aparição de assuntos pertinentes à aparição pública, devendo ser visto e ouvido por todos, com um amplo aspecto de divulgação para conferência de sua validade. Ademais, faz contraposição

à privatividade, evidenciando sobre assuntos irrelevantes ao domínio público, assuntos e temas que devem ser experienciados enquanto vida privada.

O segundo ponto de definição para o entendimento do espaço público, denota ao próprio mundo enquanto espaço compartilhado entre os homens. O espaço criado por e entre os homens e, recorrendo ao primeiro sentido mencionado, o lugar de acomodação das coisas relevantes. Cabe notar, no entanto, que esse espaço não é necessariamente um lugar físico, cercado e onde somente ali se desenvolve as discussões e temas pertinentes a todos os homens, na condição de plural. Ele ocorre no próprio mundo, ocorrido na coletividade. Notando, nesse aspecto, a ideia de espaço público, em Hannah Arendt, à influência da *polis* grega, no funcionamento de debates de interesses coletivos. Além disso, não remonta ao âmbito privado do qual o homem, enquanto indivíduo, possui no mundo, na forma de propriedade. Perpassa, desse modo, também, ao espaço referente ao mundo como mantenedor das necessidades recorrentes do ciclo vital. Conforme evocado por Hannah Arendt (2020, p. 64):

(...) o termo “público” significa o próprio mundo, na medida em que é comum a todos nós e diferente do lugar que privadamente possuímos nele. Esse mundo, contudo, não é idêntico à Terra ou à natureza, enquanto espaço limitado para o movimento dos homens e condição geral da vida orgânica. Antes, tem a ver com o artefato humano, com o que é fabricado pelas mãos humanas, assim como com os negócios realizados entre os que habitam o mundo feito pelo homem. Conviver no mundo significa essencialmente ter um mundo de coisas interposto entre os que se assentam ao seu redor, pois, como todo espaço-entre [in-between], o mundo ao mesmo tempo separa e relaciona os homens entre si.

Sob esse viés, percebe-se a formação do espaço público que se dá entre os homens, na construção de um espaço em que permite a deliberação e discussão de decisões de interesses públicos, remontando, de igual modo, ao vínculo da *polis* grega. A noção de espaço público se concebe como um local em que os homens se desenvolvem entre eles, isto é, entendido como o lugar de desenvolvimento da ação, ocorrida na pluralidade, característica da política. Como se verifica em Arendt (2014, p. 65) “O domínio público, enquanto mundo comum, reúne-nos na companhia uns dos outros e, contudo, evita que caiamos uns sobre os outros, por assim dizer”. O espaço

público permite a formação de um campo próprio à constituição política, mantendo e permitindo o funcionamento da cidadania, das relações humanas, da liberdade.

Nesse sentido, o espaço público deve acoplar a ampla participação cidadã, os variados aspectos da opinião pública, permitindo a discussão de interesses que englobem o desenvolvimento dos homens enquanto formadores e constituintes do mundo comum, de forma a conceber uma relação segura entre eles. Contudo, mostra-se, na maioria das vezes, uma tarefa árdua, visto que a formação desse domínio público não vem se construindo adequadamente de modo a conceber o alinhamento entre os homens, no desenvolvimento da ação. Como se verifica,

O que torna a sociedade de massas tão difícil de ser suportada não é o número de pessoas envolvido, ou ao menos não fundamentalmente, mas o fato de que o mundo perdeu seu poder de congregá-las, relacioná-las e separá-las. (ARENDR, 2020, p. 65).

Outra característica no espaço público, no segundo sentido apontado por Arendt, se estende ao fato de que os assuntos de interesse público devem perpassar o mundo cíclico de homens mortais, isto é, deve conter em seu sentido a perduração dos assuntos coletivos, de modo que a construção do espaço público não englobe unicamente o tempo presente, antes tenha a preocupação com as demais gerações. “Se o mundo deve conter um espaço público, não pode ser construído apenas para uma geração e planejado somente para os que estão vivos, mas tem de transcender a duração da vida de homens mortais”. (ARENDR, 2020, p. 67). Desse modo, recai ao interesse no aspecto da imortalidade do âmbito público, construída sob as bases de manter a construção das coisas do mundo, às demais gerações que estão por vir e preservar o mundo comum. Pressupõe um mundo que está relacionado à natalidade, uma vez que os homens se relacionam com os outros e com o mundo por meio do nascimento, agindo de modo conjunto no domínio público, um mundo que ultrapassa a curta duração de homens mortais, resultando no constante ir e vir das gerações.

Em conformidade com Arendt (2020, p. 70-71):

A importância de ser visto e ouvido por outros provém do fato de que todos veem e ouvem de ângulos diferentes. É esse o significado da vida pública, em comparação com a qual até a mais fecunda e satisfatória vida familiar pode oferecer somente o prolongamento ou multiplicação de cada indivíduo, com os seus respectivos aspectos e perspectivas. A subjetividade da privacidade pode prolongar-se e multiplicar-se na família e até tornar-se tão forte que seu peso faça sentir no domínio público; mas esse “mundo” familiar jamais pode substituir a realidade resultante da soma total de aspectos apresentados por um objeto a uma multidão de espectadores. Somente quando as coisas podem ser vistas por muitas pessoas, em uma variedade de aspectos, sem mudar de identidade, de sorte que os que estão à sua volta sabem que veem identidade na mais completa diversidade, pode a realidade do mundo aparecer real e fidedignamente.

Percebe-se o detalhamento de espaço público, onde ocorre pela presença dos cidadãos. Todos testemunham os acontecimentos, o mundo, de tal sorte que o mundo aparece tal como ele é. As múltiplas perspectivas conferem validade ao espaço público. Diferentemente do espaço privado, do lar, que ainda que possa ter mais de uma perspectiva, dado os vários membros familiares, em relação aos assuntos do mundo, sempre percorre para uma direção do real, isto é, limita-se em sua forma por não ter e não apresentar um aspecto amplo, de modo que esteja aberto à multidão de espectadores, dispostos a testemunharem e conferir identidade daquilo que lhe está sendo apresentado.

2.2.2 O domínio privado

Nesse percurso, acerca do mundo privado, no qual não interessa à formação enquanto mundo coletivo, uma vez que se dá no isolamento do indivíduo, sem que tenha necessariamente a influência de outros homens, isto é, com finalidade à sobrevivência e interesses particulares, em Arendt observa-se esse aspecto justamente em contraposição ao domínio do mundo comum, haja vista que as experiências deste domínio estão sujeitas na privacidade do indivíduo, não permitindo a confluência com os demais homens. Em outras palavras, o domínio privado mostra-se como o espaço de interesse individual, da família³, e do próprio

³ Ainda que se observe o termo “família”, esse aspecto de formação do âmbito privado vai além do núcleo familiar. Dito de outro modo, engloba variada espécie de formação de comunidades que pensam e agem de forma semelhante, por exemplo, na formação religiosa, em que os indivíduos estão inclinados a uma mesma perspectiva, por mais que seja formada por grande massa de sujeitos. Ainda,

indivíduo com ele mesmo, seguindo o fluxo de sobrevivência. No campo do espaço privado os interesses estão alinhados ao mesmo tempo em que criam e são forçados a viver como se o “criado” sempre estivesse colocado como subsistência de condição humana.

O domínio privado não permite o espaço para discussões racionais e livres; não acopla amplas percepções com os demais entes humanos. Como se viu, o fenômeno da pluralidade ocorre justamente na percepção e existência de homens que pensam e agem de formas diversas (homens de ação), sem que estejam inclinados a uma mesma direção, dependendo da contínua presença de outros homens – por meio da natalidade.

Importante ressaltar que no decorrer do percurso histórico da humanidade, os campos originalmente do público e privado foram tomando formas diversas, ocorrendo em alguns modos, no alargamento de um campo para o outro. Ou seja, através dos séculos os modelos público e privado ganharam percepções diferentes e, em alguns pontos, quase que destruídos completamente, como no caso de governos totalitários, em que não se almejava a coisa alguma, e o desamparo e o terror não resguardava os homens do mundo público nem no privado, minando quase que completa a experiência humana.

Verificando em Hannah Arendt (2020, p. 64)

Esse alargamento do privado (o encantamento, por assim dizer, de todo um povo) não o torna público, não constitui um domínio público, mas, pelo contrário, significa apenas que o domínio público foi quase completamente minguado, de modo que, por toda parte, a grandeza cedeu lugar ao encanto; pois, embora o domínio público possa ser vasto, não pode ser encantador, precisamente porque é incapaz de abrigar o irrelevante.

Dessa maneira, se percebe o grande envolvimento e separação entre os domínios público e privado, alguns aspectos, ainda que tenham grande divulgação e

diz respeito à noção de isolamento e objetivos dessas comunidades, em que a finalidade está vinculada de forma subjetiva sob um mesmo viés, o que não vislumbra percepções diferentes.

participação à aparição pública, só possuem lugar na vida privada – promoção dos mecanismos corporais.

3.0 VERDADE E POLÍTICA

Ao longo da tradição e constituição das formações políticas, isto é, do envolvimento das pessoas em comunidades, que compartilham o mundo comum, o entrelaçamento entre veracidade e política sempre estiveram distantes da ênfase da vida pública. Enquanto não se encontravam em oposição ao desenvolvimento do mundo, esse entrelaçamento dispensava a virtude da verdade, uma vez que os assuntos políticos eram guiados pela promoção e aparência.

Nesse contexto,

A veracidade nunca esteve entre as virtudes políticas, e mentiras sempre foram encaradas como instrumentos justificáveis nesses assuntos. Quem quer que reflita sobre estas questões ficará surpreso pela pouca atenção que tem sido ao seu significado na nossa tradição de pensamento político e filosófico; por um lado, pela natureza da ação, e por outro, pela natureza de nossa capacidade de negar em pensamento e palavra qualquer que seja o caso. (ARENDR, 2017, p. 15).

3.1 O percurso entre verdade e política

O contexto entre verdade e política nos aspectos de Hannah Arendt são discussões comuns, visto que ao longo da tradição político-filosófica evidencia-se que a verdade não estaria colocada entre as virtudes necessárias à realização política⁴, uma vez que para o desenvolvimento político, sempre foram colocadas como virtudes indispensáveis a coragem e a habilidade. Nesse cenário, verificando-se o envolvimento entre veracidade e política, pontuando em oposição à mentira, nota-se que em alguns aspectos as mentiras são inseridas no meio público como úteis ao desenvolvimento e manutenção do sistema. Como evidencia Hannah Arendt (2009, p. 283): “sempre se consideraram as mentiras como ferramentas necessárias e justificáveis ao ofício não só do político ou do demagogo, como também do estadista”. Em alguns casos são mentiras que possuem uma aparência ao público como forma de evitar um mal maior (como se verificará mais adiante), segredos ocultados de inimigos como estratégia em possíveis conflitos, não tendo como objetivo enganar toda a comunidade. Tomando como base os usos da mentira como ferramenta em

⁴ No entanto, não retirando seu aspecto de importância de discussão na atualidade.

que podem pautar-se nas categorias de um fim, evitando desastres maiores, as mentiras tornam-se aceitas. Entretanto, são conteúdos que não dizem respeito ao plano da mudança dos fatos, não havendo dissimulação da verdade fatural. Como nota-se: “E as mentiras, visto serem amiúde utilizadas como substitutos dos meios mais violentos, podem ser consideradas como instrumento relativamente inofensivo no arsenal da ação política”. (ARENDDT, 2016, p. 284).

Nesse campo, buscando uma compreensão acerca do envolvimento da mentira no campo político, faz-se necessário uma busca às raízes da formação da mentira, sua etimologia, almejando detalhar seu envolvimento e seu ponto de intersecção com a ação (imaginação), na qual se verificou anteriormente e da qual está a base da formação política. Assim, o termo mentira tem origem no latim do qual possui sua formação em “mentice”, que descreve “mentir”, “imaginar”, “inventar”, que, por sua vez vem de “mens”, “mentis”, possuindo seu radical em “men” do qual denomina a característica do “pensar”. (Dictionnaire étymologique de la langue latine; Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa apud. Lafer).

Nota-se que a ação possui a característica de modificar algo, iniciar alguma coisa, portanto, tratando com aquilo que ainda não é, ainda não tem sua consolidação no mundo, sua aparência. Da mesma forma consolida-se a imaginação, da qual possui uma característica do contingente, e justamente a mentira possuindo a mesma formação, criando assuntos que não tem sua fundação concreta no mundo, portanto, não possuindo um caráter de verdade, visto que permite às múltiplas possibilidades. Tal qual a imaginação, a mentira, como conta o mentiroso, poderia ter acontecido de diversas formas, não confrontando a razão, desse modo. Esse inter-relacionamento possibilita observar a aproximação entre o indivíduo destinado à ação, do qual está destinado à transformação, na modificação do mundo; e a intencionalidade do mentiroso, uma vez que as coisas, os fatos, poderiam ocorrer como se poderia imaginar, a partir de uma narração adequada, da imaginação do criador de mentiras. Em outras palavras, o homem que age e o homem que mente partem do pressuposto de transformação do mundo, no entanto, essa capacidade de transformação possibilita, além disso, da negação dos fatos – o que se torna perigoso, uma vez que estão alinhados.

Além disso, na criação de uma mentira, o criador possui a vantagem de saber o que seu público deseja, quais os pressupostos estão mais alinhados ao seu perfil ideológico e quais acontecimentos quer que seja real. Desse modo, o mentiroso conquista seu objetivo, uma vez que encontra apoio das massas, transformando o amplo campo das possibilidades do “como poderia ser” em algo de imediato, como se de fato realmente aconteceu como se imaginou, cômodo aos desejos, criando uma narrativa que possua uma justificação lógica para aquilo que, em conformação à mentira, confere a negação deliberada dos fatos.

No percurso histórico acerca do envolvimento entre verdade e política, nota-se que o conflito entre elas foi percebido inicialmente com atenção à verdade racional. Observando primeiramente dois modos de vida, como apontados por Hannah Arendt, de forma que apresentam-se em sua formação como sendo dicotômicos, em que o primeiro refere-se ao modo de vida filosófico, resguardado a assuntos de modo contemplativo, buscando e comprometido com a verdade; e o segundo modo de vida consolidado na vida do cidadão, marcado pela presença da opinião, da qual não possui um caráter de verdade, submetida apenas ao ponto de vista do indivíduo sobre determinado assunto ou coisa. A esse respeito: “O conflito entre veracidade e política surgiu historicamente de dois modos de vida diametralmente opostos – a vida do filósofo, (...), e o modo de vida do cidadão”. (ARENDR, 2016, p. 289).

Não raro, as mentiras criadas escondem-se como forma de simples opinião, mascaradas como formas de livre pensamento ou liberdade de expressão. Como a ação está próxima à imaginação, e somadas aos mecanismos de criação de manipulação dos acontecimentos (fatos), a falsidade deliberada se torna elemento central de destruição da vida pública.

Sob esse viés,

(...) o contrário da verdade era a mera opinião, equacionada com a ilusão; e foi esse degradamento da opinião o que conferiu ao conflito sua pungência política; pois é a opinião, e não a verdade, que pertence à classe dos pré-requisitos indispensáveis a todo poder. (ARENDR, 2016, p. 289).

Assim, em variados períodos históricos, fatos de grande relevância foram transformados em opinião – ou foram tratados como se fossem meras opiniões, como por exemplo, no período da Alemanha nazista de Hitler, quando era mais perigoso falar abertamente sobre campos de concentração e extermínio, que eram fatos conhecidos abertamente, não sendo segredo, do que emitir algum juízo a respeito do antissemitismo durante esse período, como nos lembra Arendt (2016, p. 293).

3.2 Verdade fatural

Partindo para as distinções entre as categorias de verdades (verdades científicas, matemáticas, filosóficas e fatuais), Arendt coloca em análise as fatuais por estarem sujeitas às mudanças dos acontecimentos e serem estas diretamente relacionadas ao desenvolvimento do ofício político – sendo a verdade da política. Em outras palavras, em um dado momento do percurso histórico, caso alguma verdade que estivesse nos planos, ou da matemática ou da filosofia, fosse retirada do decurso dos acontecimentos, muito provável que em um período à frente, alguma dessas verdades fosse descoberta em outra época, apesar de não ter o mesmo desenvolvimento teórico e forma de expressar idênticos a seus autores originários. No entanto, trazendo para o âmbito das verdades fatuais, a mudança ou destruição de um fato, estaria por completo abandonado, visto que os fatos estão à dissimulação por parte da mentira organizada e muitas vezes colocados como forma de interpretação dos acontecimentos ou tornando-os segredos. Nesse sentido, as verdades de fato necessitando de testemunhos confiáveis para sua perduração no mundo. “A mentira na política, na medida em que enseja a alteração dos dados fatuais testemunhados ou registrados, pode acarretar a violência contra as testemunhas e a eliminação de documentos”. (AGUIAR, p. 12, 2007). Cabe mencionar que essa produção da mentira fornece elementos para uma possível aniquilação do espaço público, uma vez que tornam frágeis as relações humanas, produzindo sujeitos alienados e distantes dos assuntos de interesse público, presos a uma falsa liberdade, na qual a realidade aparece incômoda.

Como nota-se em Hannah Arendt (2016, p. 287):

As possibilidades de que a verdade fatural sobreviva ao assédio do poder são de fato demais escassas; aquela está sempre sob o perigo de ser arditosamente eliminada do mundo, não por um período apenas mas, potencialmente, para sempre. (...) Uma vez perdidos, nenhum esforço os trará de volta.

Nessa perspectiva, a verdade fatural diz respeito aos assuntos mundanos, ocorridos na trajetória humana. Ocorre na medida em que envolve a participação de homens entre homens, os quais estão envolvidos no compromisso de validade e veracidade daquilo que aconteceu, distanciando-se da premissa de ângulo de visão e interpretação, isto é, um fato ocorre na medida em que teve/tem sua asserção inserida no mundo, ainda que em alguns casos não seja favorável ou não esteja de acordo com os interesses de determinado grupo social. Além disso, não se confunde com uma opinião, que integra o campo da imaginação, não ficando facultativo seu caráter de aceitação, porém, necessário, para que se fale sobre essa verdade fatural, que esteja relacionada e amplamente conhecida por todos.

Assim,

A verdade fatural (...) relaciona-se sempre com outras pessoas: ela diz respeito a eventos e circunstâncias nas quais muitos são envolvidos; é estabelecida por testemunhos e depende da comprovação; existe apenas na medida em que se fala sobre ela, mesmo quando ocorre no domínio da intimidade. É política por natureza. (ARENDETT, 2016, p. 295).

Desse modo, por mais que a verdade dos fatos seja tal como como se desenvolveu seu acontecimento no mundo, os desejos e paixões humanos, sobretudo os de cunho político e ideológico, como se viu, possibilitam a dissimulação da verdade por meio das ferramentas de criação de imagens falsas, e mais compulsivamente, como ocorre atualmente, por meio de notícias falsas.

O grande desenvolvimento das técnicas humanas, por meio da obra, possibilitou, também, mecanismos de ameaça ao domínio público, uma vez que o espaço de debate humano, e em especial, no alargamento e ampliação para os meios virtuais de comunicação e interação social, ampliou o arsenal da divulgação de opiniões e discussões em rede, nos quais os fatos de grande conhecimento do público

são tratados como tabus, ou transformados sob a perspectiva da emissão de uma opinião, pontuados como liberdade de expressão.

4 FABRICAÇÃO DA MENTIRA NA CONTEMPORANEIDADE E A AMEAÇA AO ESPAÇO PÚBLICO

São investigados os impactos e as consequências da disseminação de mentiras organizadas para a vida pública atualmente, e como o espaço da pluralidade entre os homens encontra-se amplamente cerceado pelos mecanismos em que colocam a fragilidade dos fatos, uma vez que como se observou, a veracidade nunca esteve colocada como uma condição necessária para a realização dos assuntos políticos. De outro modo, se aponta para a necessidade de compreensão para esse campo da vida pública, uma vez que incorre na preservação dos assuntos humanos, na preservação da liberdade humana, na construção e manutenção da democracia.

4.1 A fabricação da mentira na contemporaneidade

Ganhando proporção e disseminação a partir dos eventos de 2016, a saber, as eleições presidenciais dos Estados Unidos, em que o candidato Donald Trump concorria ao cargo, as Fake News foram inseridas no cotidiano dos cidadãos, não só norte-americanos, como a nível mundial. A produção e consumo de notícias falsas, a partir disso, em determinado momento gerava mais alcance que notícias que correspondiam aos reais acontecimentos. Isto é, por meio de títulos chamativos e sensacionalistas, o público tornava-se atraído diretamente pela propaganda (falsa). Ressalta-se, entretanto, que o termo não foi cunhado por Trump nem se configura como um fenômeno exclusivo da atualidade, porém, a partir desses eventos, gerou forte engajamento nas redes de comunicação, bem como sua produção e disseminação passaram a ser difundidas em larga escala e influenciado comportamentos e decisões no espaço público.

Uma rápida busca do termo “Fake News” nos navegadores de Internet percebe-se a rapidez e o grande número de resultados encontrados para esse termo⁵. Aparentemente algo comum, bem difundido e debatido pelos indivíduos que têm acesso à Internet. No entanto, demonstra grande fragilidade no âmbito público, uma vez que a ampliação das relações humanas para os meios virtuais influencia nas decisões e comportamentos no campo das ações humanas, bem como a grande divulgação do termo não corresponde à isenção por parte da mentira organizada.

⁵ Uma busca realizada no dia 12 de julho de 2023, através do Google, encontrou aproximadamente 3.270.000.000 resultados em apenas 0,34 segundos.

A nível de definição, de acordo com o dicionário Collins (de língua inglesa), tendo sua tradução literal para “notícias falsas”, o termo Fake News pode ser entendido como “notícias falsas, muitas vezes sensacionalistas, divulgadas sob o disfarce de reportagens” (Dicionário de Inglês Collins). Cabendo ressaltar que essa palavra foi escolhida por esse Dicionário como sendo a palavra do ano de 2017, visto sua grande procura e disseminação no ano citado. Nessa perspectiva, nota-se que o termo atualmente compreende, também, outros sentidos, marcando a divulgação de notícias e criação de conteúdos dissemelhantes do plano fatural. A mentira que reside nesses conteúdos e notícias, desse modo, compreende para além da simples desinformação, projetando na dissimulação dos fatos, mudança essa que não pode ser entendida do ponto de vista da ação, da qual o sujeito projeta-se para realização de transformação do mundo (de um aspecto positivo no mundo, compartilhado com outros homens).

Hoje em dia, com a facilidade proporcionada pelos meios de comunicação, principalmente pelas redes sociais virtuais, espaço em que todos podem possuir um perfil de acesso⁶, a facilidade com que as notícias falsas circulam nas redes alcançam formas gigantescas. A partir das ferramentas de criação, e por isso sendo fabricadas, as mentiras produzem comportamentos nos meios sociais, afetando as relações da ação humana.

O alargamento do espaço público na contemporaneidade para os meios virtuais, proporcionado pelos meios de comunicação em massa, ao passo que promove um espaço amplo para discussão e tomada de decisões, projetando um ambiente de grande circulação de opiniões, gera, por outro lado, uma fragilidade de permanência nesses meios, visto que nesse espaço se encontra um bombardeio de mentiras deliberadas, gerada por grupos organizados, buscando a manipulação da opinião pública, além de direcionar a comportamentos que ultrapassam a esfera virtual.

⁶ Para ter acesso aos meios comunicacionais, sobretudo das redes sociais virtuais, é necessário a criação de um perfil em rede, no qual o usuário começa a ter envolvimento com outros perfis, dos mais variados tipos. A partir dessa criação de perfil, o usuário pode emitir opiniões, conversar com outros usuários, produzir conteúdo (que em determinados casos pode ser monetizado pelas empresas nas quais os conteúdos estão hospedados, além de ter “parcerias pagas” por outras empresas), e influenciar outros perfis. Influência essa que não se restringe a esses campos virtuais, projetando-se na produção de comportamentos que ultrapassam as fronteiras *on-line*.

A fabricação da mentira organizada atualmente abrange elementos sofisticados e bem estruturados, mobilizando grandes grupos e ferramentas de criação, tendo sua circulação, o seu produto final, a mentira cabal, disseminada e destituída de origem na maioria dos casos, por assim dizer, uma vez que a facilidade de encaminhamento de mensagens por meio de aplicativos de comunicação instantânea, WhatsApp e Telegram, por exemplo, não permite precisar seu surgimento imediato, se tratando de mensagens virtuais. Além disso, a elaboração da mentira, por prescindir do desejo das massas, encontra respaldo seja na modificação de um fato, seja na criação de conteúdos que nada tem a ver com a veracidade dos fatos. Em outras palavras, as mentiras, principalmente as mentiras de cunho político, são forjadas almejando encontrar segurança nos desejos ideológicos de determinado grupo da sociedade, tornando-se a linha pela qual seguem no mundo real. Acerca dessas ferramentas de criação das mentiras, podem ser encontrados programas de computadores, destinados a criar grande número de perfis falsos nas redes sociais, buscando gerar grande envolvimento dos internautas (usuários de internet), objetivando a influências diversas, da simples campanha para vender um produto, ligadas à monetização, à escolha de representantes políticos, como forma mais perigosa dessa influência. Desse modo, essa produção sistemática da mentira inserida no espaço público virtual e o conseqüente alargamento para o mundo real, tem sua forte guarida nos modos como vem sendo formados os mecanismos de interação em rede.

De acordo com um estudo realizado pelo NetLab da Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ), presente no G1, pode-se perceber cinco meios pelos quais uma notícia falsa percorre até ser totalmente disseminada. Assim, seguindo os passos, de início ocorre a produção da narrativa enganosa a que se deseja veicular e os primeiros conteúdos são inseridos em rede por meio de sites de conteúdos duvidosos, e na plataforma do YouTube, alocados em canais com um pequeno número de inscritos. Após esse processo, ocorre o teste de receptividade em aplicativos de mensagens instantâneas, nos grupos formados por determinado número de pessoas, aptas a dar conferência aos conteúdos que são inseridos nesses aplicativos mensageiros, em maior escala, por meio do Whatsapp e Telegram. O próximo passo ocorre por meio de segmentos de anúncio e grupos presentes no Facebook, rede social bastante utilizada, principalmente pelos brasileiros. Nesse passo, determinada notícia falsa abarca grupos específicos, formados por perfis de interesse comum. Após esse

procedimento, o seguinte passo é percebido por meio da desinformação audiovisual, inseridas em plataformas e redes sociais de maior alcance, marcado pela produção de vídeos elaborados com maior empenho, destinados a enganar os usuários. Por último, após a narrativa mentirosa ser testada nos variados meios de interação online, os conteúdos são disseminados em larga escala e rapidez. (NetLab UFRJ apud. G1, 2022).

Assim, no espaço de referência e realização da pluralidade:

(...) o resultado de uma substituição coerente e total da verdade dos fatos por mentiras não é passarem estas a ser aceitas como verdade, e a verdade ser difamada como mentira, porém um processo de destruição do sentido mediante o qual nos orientamos no mundo real — incluindo-se entre os meios mentais para esse fim a categoria de oposição entre verdade e falsidade. (ARENDR, 2016, p. 317-218).

A produção da mentira, no entanto, não visa circular tomando o lugar da verdade, mas destruindo os fatos, difamando os acontecimentos. Se antigamente somente o governo possuía um alcance maior em divulgar informações, por meio da propaganda, atualmente qualquer pessoa ou grupos organizados promovem essa disseminação de informações, e, em certos casos, informações distintas da realidade.

Evidenciando-se, assim, em Hannah Arendt (2016, p. 315):

As imagens criadas para consumo doméstico, ao contrário das mentiras dirigidas a adversários estrangeiros, podem tornar-se uma realidade para todos e sobretudo para os seus próprios criadores, os quais se avassalam, ainda no ato de preparar seus "produtos", pelo mero pensamento da quantidade potencial de suas vítimas. Sem dúvida os originadores da imagem mentirosa que "inspiram" os persuasores ocultos sabem, todavia, que desejam enganar um inimigo ao nível social ou nacional, porém o resultado é que todo um grupo de pessoas e mesmo nações inteiras podem orientar-se por uma teia de ilusões à qual seus líderes desejaram sujeitar seus oponentes.

Nota-se, então, que em vários contextos do espaço público, a mentira organizada ganha força e, ao mesmo tempo, esconde-se através dos vários aparatos de sua dissimulação. Isto é, através do desenvolvimento de novas técnicas e

mecanismos de comunicação em massa, ganhando força por meio das redes sociais (fenômeno que Hannah Arendt não conheceu), permitindo uma aproximação das relações humanas, os meios pelos quais a mentira deliberada é disseminada, também, ganha meios mais sofisticados para a sua propagação, gerando um problema de nível mundial.

4.2 A mentira organizada no Brasil

Trazendo ao espaço público brasileiro, sobretudo no ano de 2018, ano de eleição ao governo federal⁷, a grande circulação da mentira tornou-se uma das principais personagens desse cenário. Assim, a divulgação e disseminação dessas informações colocaram em evidência a fragilidade dos acontecimentos. Notícias da TV, das rádios, jornais impressos e, em nível maior, por meio de redes sociais, em plataformas virtuais (*WhatsApp, Facebook, Twitter⁸ e Telegram*), tornaram o espaço público ameaçado, tendo circulação nesses meios de comunicação e interação social um nível considerável de mentiras organizadas. Mentiras essas produzidas não ao acaso, de modo acidental, a princípio, mas que carregam uma intencionalidade de início, almejando a grande aceitação do público a quem se destina as mentiras. Em outras palavras, a produção de narrativas e cenários diferentes dos fatos, não gera erro ou ilusão, para retomar Arendt, mas a mentira deliberada, produzida sobre os alicerces dos desejos de quem a cria, encontrando refúgio em outros indivíduos que pensam ou querem que os fatos sejam diferentes de como são.

Temas com o intuito de difamar concorrentes estavam na lista das notícias mais divulgadas no ano das eleições de 2018. Entre tais temas envolvidos, além disso, alguns tratavam a respeito de homofobia, temas feministas, racismo, declarações feitas por outros candidatos que nunca existiram, todas produzindo desinformação ao espaço público, ao mesmo tempo produzindo discursos de ódio, radicalismo político e uma atmosfera conflitante, polarizada e propícia ao declínio de atitudes que envolvem a ampla participação cidadã.

⁷ Eleição presidencial na qual o candidato Jair Messias Bolsonaro foi eleito no pleito desse ano, ficando à frente do governo federal brasileiro de 2019 a 2022.

⁸ Atualmente conhecido com o nome de "X", após venda da empresa.

Em casos mais recentes, em se tratando de pandemia da Sars-CoV-2⁹(declarada oficialmente em março de 2020), a deliberação da mentira tratava-se a respeito do tratamento precoce da Covid-19. O presidente da república, em seus vários discursos proferidos, principalmente nas redes sociais virtuais, por meio de mensagens de textos e na transmissão de conteúdos ao vivo através de vídeos, buscava (des)informar os cidadãos brasileiros sobre o agir durante esse percurso da pandemia. Nesse aspecto, incentivando práticas não comprovadas cientificamente¹⁰, além do incentivo a comportamentos diferentes daqueles estabelecidos pelos setores da saúde como adequados ao enfretamento da pandemia do novo coronavírus, como exemplo, uso de máscaras e isolamento social. Em casos mais graves, a negação de vacinação como método de prevenção da covid-19, uma vez que decorreu, mesmo após a aquisição da vacina por várias entidades da saúde (Instituto Butantan, Fundação Oswaldo Cruz) na baixa adesão da população a esse método eficiente de vacinação. Nesse cenário, gerando a notícia (falsa) de que a vacina, ao contrário de sua comprovação científica, causaria doenças em quem tomasse a dose do medicamento – o que foi amplamente divulgado nos meios digitais.

Outro caso mais recente envolvendo a inserção das mentiras organizadas no Brasil, ocorreu no corrente ano de 2023, nos chamados “Atos golpistas de 8 de janeiro em Brasília”. No cenário, golpistas invadiram e depredaram as sedes dos Três Poderes da República Federativa do Brasil (Palácio do Planalto, Congresso Nacional e Supremo Tribunal Federal), em atos simultâneos, demonstrando um ato claro de afronte à Constituição Federal do Brasil, à extinção forçada da democracia brasileira¹¹.

⁹ Pandemia que resultou na morte de 693.853 brasileiros, entre os anos de 2020 e 2022, de acordo com dados do Ministério da Saúde, e mais de 2 milhões de casos confirmados no país.

¹⁰ A respeito dessas práticas, por exemplo, encontra-se a divulgação do medicamento conhecido como Cloroquina (Hidroxicloroquina), em que o presidente declarava não haver efeitos colaterais após o uso, bem como seria eficaz no tratamento da covid-19.

¹¹ Objetivando-se uma intervenção militar, como outrora já ocorrera no cenário político brasileiro, quando se iniciou em 1964 a Ditadura Militar no Brasil, por meio de um golpe civil-militar contra o então presidente da república João Goulart, perdurando até 1985. Período marcado por grande repressão popular (tortura aos contrários a esse novo regime que fora ilegalmente instaurado); censura aos meios de comunicação e às formas artísticas; bem como condenação a qualquer forma de democracia e participação cidadã. Todo e qualquer comportamento que não estivesse alinhado aos preceitos desse novo regime seguia duramente repreendido. Nesse período a liberdade seguia amplamente enclausurada. Cabendo o lembrete de que esse foi um regime autoritário por partes dos militares, os quais governavam através de atos institucionais (promovido, entres outros planos, pela “salvação” da economia do país). Esse regime, apesar de ter sido iniciado e promovido pelos militares, teve grande participação da elite brasileira da época, pelo conservadorismo presente e pela propaganda de que o Brasil se tornaria um país comunista (já se percebendo aqui os indícios da produção sistemática da mentira presente no espaço político brasileiro da época).

As motivações a esse atentado envolvem, principalmente, a contestação por parte de pequenos grupos aos resultados das eleições presidenciais do ano de 2022, quando o então presidente Luís Inácio Lula da Silva se consolidou eleito no pleito, de forma democrática. Nos atentados do dia 8 de janeiro, golpistas utilizavam, em sua maioria, vestimentas¹² nas cores amarelas e verde, em alusão às cores utilizadas pelo ex-presidente Jair Messias Bolsonaro, derrotado nas eleições de 2022, na qual tentava sua reeleição ao cargo de presidente da república. As cores são da bandeira oficial do Brasil, no entanto, durante o mandato do então já citado ex-presidente, as cores foram bastante utilizadas em seu *slogan*, tornando-as quase como pertencentes a ele, motivo pelo qual a maioria dos participantes dos atos de invasão e depredação das sedes dos três poderes do Brasil utilizava essas cores, além de carregarem a bandeira do país, construindo uma narrativa nacionalista. Esse ocorrido do 8 de janeiro já carrega a demonstração do poder da construção de mentiras organizadas no âmbito brasileiro, consolidando na participação de grupos destinados à destruição das representações legalmente construídas como forma de preservação da democracia. Cabe notar o plano bem estruturado das mentiras fabricadas, uma vez que são construídas, financiadas e colocadas em prática, aparentemente construídas de lugar algum, financiadas por grupos políticos (se tratando da mentira na política) ocultos e praticados pela população, que na maioria dos casos não sabe o objetivo claro da participação e ancoram suas defesas nos discursos de não conhecimento de suas participações. Além disso, importante salientar a atuação de grupos religiosos, que na maioria dos casos, determinado líder dessa comunidade religiosa se coloca como profeta, capaz de trazer à luz o que se encontra oculto, possibilitando a adesão de fiéis que estão dispostos e com pensamento semelhante à mudança, entretanto distantes da verdade e da política.

4.3 A ameaça ao espaço público

As práticas da produção sistemática da mentira, mostrando-se ao público, apesar de apresentarem-se como artefatos estruturados e bem colocados (e por isso atingindo os vários níveis de escolaridade e classes sociais), a qualquer momento

¹² Além de camisas com estampas do rosto do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro.

podem estar sujeitas à apresentação dos verdadeiros acontecimentos e, portanto, as mentiras sistemáticas não são substitutas da verdade dos fatos, da política.

Nota-se, no entanto, que essa prática utilizada não se configura como um fenômeno exclusivo da atualidade, sendo desenvolvida nos vários contextos da humanidade. Entretanto, com a grande facilidade em que as chamadas fake news são disseminadas hoje em dia, por meio das diversas redes de comunicação em massa, a fragilidade do espaço público torna-se flagrante, colocando em ênfase a possível dissolução das relações humanas, bem como propiciando a construção de governos autoritários no espaço presente, visto que esses meios influenciam amplamente os processos políticos, como se percebeu nas eleições presidenciais do Brasil dos anos de 2018 e 2022.

Se antes, através da propaganda, apenas o sistema governamental detinha o poder de imagem diante de seu povo de forma ampla, e, conseqüentemente sua forma de coerção, hoje, com o advento de mecanismos de criação e divulgação de mentiras, os sujeitos estão mais participantes desse sistema de deliberação da mentira, estando, ao mesmo tempo reféns.¹³

Observa-se na atualidade, desse modo, a grande ampliação do espaço público, transformando e permitindo novas formas de inserção da pluralidade no mundo. Compreendendo o aperfeiçoamento das técnicas, na construção de artefatos humanos, da mundanidade, como forma da sempre recorrente novas formas de condicionamento do homem às coisas fabricadas por gerações, nota-se que o alargamento dos espaços de discussão propiciou, por outro lado, uma degradação das possibilidades dos interesses coletivos, marcado pelas incertezas e confundindo, na maioria dos casos fato com opinião (e aqui produzindo discurso de ódio e radicalização de pensamento político).

A constituição política, assim, deve ser pensada na continuidade do mundo. A esse respeito, pontua Arendt, “se o mundo deve conter um espaço público, não pode ser construído apenas para uma geração e planejado somente para os que estão vivos, mas tem de transcender a duração da vida de homens mortais” (p. 67). Da

¹³ Hoje em dia com a grande popularização dos chamados influenciadores de opinião, nos meios virtuais, a veiculação de Fake News acontece de forma rápida, propagada na forma de simples campo de visão.

mesma forma, como já mencionada a influência da *polis* grega para a política em Hannah Arendt, na noção de espaço público, na qual os ditos cidadãos participavam de debates nas praças públicas, por meio do discurso, através da atividade da ação, importante ressaltar, de igual modo, essa ampliação do locus de publicizar opiniões na contemporaneidade. No entanto, notando-se a grande fragilidade em que se encontra esse espaço público, como se viu pelo amplo arsenal da mentira cabal.

Na hodiernidade, como aponta Silva (2017, p. 117) o espaço público, para além das conotações já expostas,

Possui outras dimensões na contemporaneidade, como uma jurídica, urbanística, social, cultural, e nos dias de hoje, tecnológica, dados os novos instrumentos de mediação intersubjetiva que surgiram nos últimos anos e que possibilitaram uma ampliação dessa esfera de opinião, como o rádio, a televisão, o cinema, a imprensa, e, mais recentemente, a rede mundial de computadores (internet) e suas “redes sociais”.

A fabricação da mentira organizada na contemporaneidade fornece elementos de ameaça ao espaço público, dado seu vasto alcance de destruição das relações humanas, consolidado nos grandes mecanismos de criação e divulgação de informações falsas no campo da pluralidade entre os homens. Em outras palavras, essa ameaça revela-se na grande promoção e circulação de mentiras deliberadas nos meios públicos, em sua forma mais acelerada e categoricamente bem difundida nos meios virtuais de envolvimento e comunicação social, por meio das redes sociais digitais, uma vez que acopla grande número de usuários conectados, e assim permitindo um espaço propício para a penetração da mentira nesse meio, dissimulada na forma de emissão de opinião, além da promoção de propagandas (de cunho ideológico).

Nas condições de um mundo comum, a realidade não é garantida primordialmente pela “natureza comum” de todos os homens que o constituem, mas antes pelo fato de que, a despeito de diferenças de posição e da resultante variedade de perspectivas, todos estão sempre interessados no mesmo objeto. Quando já não se pode discernir a mesma identidade do objeto, nenhuma natureza humana comum, e muito menos o conformismo artificial de uma sociedade de massas, pode evitar a destruição do mundo comum, que é geralmente precedida pela destruição de muitos aspectos nos quais ele se apresenta à pluralidade humana. Isso pode ocorrer nas

condições do isolamento radical, no qual ninguém mais pode concordar com ninguém, como geralmente ocorre nas tiranias; mas pode também ocorrer nas condições da sociedade de massas ou de histeria em massa, em que vemos todos passarem subitamente a se comportar como se fossem membros de uma única família, cada um a multiplicar e prolongar a perspectiva do vizinho. Em ambos os casos, os homens tornaram-se inteiramente privados, isto é, privados de ver e ouvir os outros e privados de ser vistos e ouvidos por eles. São todos prisioneiros da subjetividade de sua própria existência singular, que continua a ser singular ainda que a mesma experiência seja multiplicada inúmeras vezes. O mundo comum acaba quando é visto somente sob um aspecto e só lhe permite apresentar-se em uma única perspectiva. (ARENDRT, 2016, p. 71).

4.4 O combate à produção da mentira organizada contemporânea

Atualmente existem diversos órgãos e entidades destinados ao combate à produção da mentira organizada. São ferramentas que possibilitam a detecção de conteúdos distantes da realidade e muitas vezes contribuem para a remoção de conteúdos que estão hospedados em sítios on-line e promovem o aparecimento dos conteúdos verdadeiros. Entretanto, são suficientes e com alcance de toda a comunidade da mesma forma em que as mentiras abarcam o mundo público de forma desenfreada? Fazendo referência à passagem que nos serviu de epígrafe a esta pesquisa, as mentiras organizadas são construídas de acordo com os interesses do produtor das mentiras. Ele sabe o que seu público-alvo deseja, encontrando grande apoio e com a maior alcance nos anseios das massas, que tem pensamento análogo ao seu, uma vez que, e de modo particular nos moldes políticos, precisa do apoio da opinião para que suas mentiras sejam fundadas e o governo tenha perduração. A verdade dos fatos pode parecer absurda; as mentiras organizadas possuem uma narrativa que consiste de forma a parecer lógica aquilo que se cria, ou seja, a veracidade dos fatos é, não necessitando de justificação, já a mentira organizada precisa de todo um encadeamento lógico para parecer crível.

Como se verifica,

A falsidade deliberada trata com fatos contingentes; ou seja, com coisas que não trazem em si nenhuma verdade inerente, nenhuma necessidade de ser como são. A veracidade dos fatos nunca é forçosamente verdadeira. (ARENDRT, 2017, p. 16).

No Brasil, as formulações presentes para combate e checagem de informações acontece de forma análoga a outros países, através de sítios on-line. Mais recente, encontramos base para uma discussão maior no Projeto de Lei nº 2630, de 2020, que institui a Lei Brasileira de Liberdade, Responsabilidade e Transparência na Internet, popularizada como a lei das fake News, de autoria do Senador Alessandro Vieira (CIDADANIA/SE). Assim, sintetizando como ocorre a formação dos dados nas plataformas digitais, o funcionamento das empresas de comunicação e de redes sociais, com o intuito de barrar o crescimento acelerado de disseminação de informações falsas nesse campo público, uma vez que tem potencial de destruição social, que ultrapassa o campo virtual. No entanto, esse Projeto citado encontrando resistência, principalmente pelas empresas de comunicação e redes sociais, uma vez que alegam censura nos meios digitais, bem como pode propiciar ainda mais a disseminação de informações mentirosas, no que se percebe através da carta do aplicativo de mensageiro instantâneo, *Telegram*, enviado a seus usuários, e do *Google* sobre como os dados são tratados em rede e como tinha como objetivo “manipular” a lei que barrava sobre as mentiras organizadas. Entretanto, essas “defesas” das empresas sendo obrigadas a retirar os conteúdos propagados, uma vez que carregavam em sim, já desinformação em larga escala.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao adentrar na perspectiva da fabricação da mentira na política, se verifica o amplo arsenal de mentiras organizadas no qual o espaço público se encontra permeado. Se verificou que a veracidade nunca esteve elencada como uma das virtudes indispensáveis ao desenvolvimento das atividades de caráter político. As mentiras sempre permearam o âmbito das ações humanas, compreendidas em muitos casos como ferramentas úteis ao funcionamento e manutenção do sistema das relações humanas, uma vez que possibilitam, em alguns casos, estratégias em possíveis conflitos, se tratando, em maior caso, de guerra entre nações. Entretanto, não diz respeito à mudança deliberada dos fatos, com a intencionalidade de modificar a opinião pública e enganar toda a sociedade, provocando um espaço de grande fragilidade. Apesar de parecer paradoxal, percebe-se os usos da mentira na política em contraste com o desejo de uma informação verídica no campo público.

Outras vezes, a verdade fatural é tratada como mera opinião, descartando sua condição de real, isto é, negando um fato que não é segredo, mas que pode ser tratado como tabu, dado seu caráter cruel ou que não agrada determinado alinhamento ideológico, ou, ainda, desejando que um fato seja diferente de acordo com a perspectiva de quem observa.

A partir de uma abordagem qualitativa acerca do fenômeno da produção de informações falsas e suas implicações ao âmbito político, tendo como referencial a filósofa e cientista política Hannah Arendt (1906-1975), se observou a grande fragilidade em que o âmbito público se encontra, sobretudo, no espaço contemporâneo, pela presença das crescentes formas de acoplar grande parte de cidadãos nos interesses e discussões coletivos, no entanto, produzindo grande sociedade de massas, não estando inclinada na checagem e participação de forma consciente, posto que por mais que seja amplo o espaço de participação coletiva, impera ideologias que estão distantes de uma construção guiada para a manutenção democrática.

A mentira organizada ganhou aparatos sofisticados de criação e divulgação, atingindo os variados grupos sociais e os diversos níveis de escolaridade, estando presentes no dia a dia da comunidade. Além disso, ocorre a camuflagem da mentira organizada colocada como simples liberdade de opinião, impulsionada pelo desejo de

grupos políticos. Importante notar a necessidade de emitir opiniões, que revela as diversas perspectivas da liberdade dos homens entre os homens, como se viu, por meio da linguagem e do discurso, porém, necessário que esteja preservado a veracidade dos fatos. Por meio do exame do fenômeno da disseminação da mentira deliberada no âmbito político na contemporaneidade, a partir de Hannah Arendt, se aponta para a urgência de controle e combate dessa forma de degradação da vontade coletiva.

Na perspectiva da “Fabricação da mentira na contemporaneidade e a ameaça ao espaço público: uma análise a partir de Hannah Arendt”, buscou-se verificar as implicações do fenômeno da disseminação da mentira no âmbito político na contemporaneidade, pontuando em que medida os impactos e as consequências dessa fabricação de informações falsas constitui-se como elemento de ameaça ao espaço público. Assim, investigando os limites, as características e o espaço da ação humana, consolidando na perspectiva da condição humana, e como ponto de partida a categoria central da vida política – a natalidade – encontrando no agir e no discurso o segundo nascimento do homem, no qual se insere diante da presença de outros homens, dispostos à convivência do coletivo. Nesse caminho, além disso, à identificação dos pressupostos e usos da mentira na política, uma vez que em alguns aspectos o direito de uma informação segura aos governados conflita com a possibilidade da mentira ou a ocultação por algum período por parte dos governantes, em determinados assuntos. Observando a guinada da construção dos artefatos de produção da mentira, que seguindo os pressupostos da propaganda, carrega um caráter ideológico, fragilizando e banalizando as experiências humanas. Nesse contexto, compreendendo em que medida a disseminação de informações falsas promove uma crise no espaço público, haja vista a ampla participação cidadã nos assuntos humanos, em debates e conflitos; recaindo na necessidade de bases sólidas para a construção de um espaço seguro para a política. “A política, na tradição, tem sua legitimidade na opinião discutida e disputada publicamente e não na ação realizada de forma coercitiva” (AGUIAR, 2007, p. 10).

A fabricação de informações falsas não é uma fabricação que se queira perdurar nos assuntos humanos, da mundanidade, ficando após a geração que se está no presente, uma vez que pode aniquilar as relações humanas, a pluralidade.

Não terá base para o funcionamento e manutenção da democracia, da cidadania, tampouco da liberdade.

Porque a democracia se baseia no princípio da confiança e da boa-fé, e não no medo, ela sucumbe quando a esfera do público perde transparência e se vê permeada pelo segredo e pela mentira, que é o que ocorre quando a palavra esconde e engana, ao invés de revelar, conforme determina o princípio ético da veracidade. (LAFER, 1992, p. 24).

Trazendo às experiências atuais, impulsionada e disseminada hoje em dia pelos chamados influenciadores da internet, os quais possuem milhares de seguidores, como são nomeados nos meios digitais, atrelado ao contexto da alienação, as mentiras organizadas encontram refúgios e adeptos. A atuação nos meios virtuais de comunicação para aquém de um espaço propício de debates e aproximação dos homens de uma forma positiva, vem se construindo na ausência de responsabilidade, checagem de uma informação fidedigna, e polarizando os indivíduos.

Nota-se um processo em que envolve o campo político e ético, vinculando os limites e consequências das vivências humanas, fazendo reflexão sobre os caminhos da liberdade social. Quebra do campo seguro do espaço público, deixando em evidência a fragilidade em que se encontra o fazer e agir humano, possibilitado sobretudo no âmbito político, em que os indivíduos estão a todo instante vinculados, mesmo nos ambientes privados, do lar, não carregam a faculdade que anteriormente estavam distantes dos assuntos do mundo. Em outras palavras, com o crescimento acelerado das maneiras comunicacionais, e aqui dando ênfase às redes sociais virtuais, esse espaço privado encontra-se invadido ou invade o espaço público, haja vista que através das ferramentas comunicacionais que os indivíduos possuem, ao mesmo tempo que possibilita a ampla participação popular, possibilita o enfraquecimento das relações humanas, por meio das crescentes maneiras de obliteração dos espaços de desenvolvimento e envolvimento dos cidadãos

A destruição ocorria por meio do avanço do domínio privado para o espaço público, a invasão dos meios modernos de comunicação, através do desenvolvimento de mecanismos de rápida divulgação de opiniões, com rápida interação dos usuários,

possibilita de forma mais rápida ainda, na fragilidade do espaço público, uma vez que esses meios estão quase que completamente sendo destruídos pelo amplo arsenal das mentiras organizadas.

Com esse alargamento do espaço público para o âmbito virtual, a tomada de decisão fica mais propensa a ser alienada. Necessidade de meios para tornar o espaço de discussão de forma verídica. Transformação do mundo de maneira a acoplar a ampla participação cidadã nos assuntos de interesses coletivos. Trazendo o aspecto da ação, ocorrida na pluralidade.

Assim,

A política é limitada pela veracidade, solo em que os homens não podem modificar à vontade, e somente respeitando esse limite poderemos manter a liberdade de agir e transformar a realidade, bem como garantir que permaneça íntegro o poder de prometer inerente à vida política. (AGUIAR, 2007, p. 13).

Ainda que pareça uma esperança longínqua, os meios criados e contrários à verdade dos fatos não podem substituir o campo da veracidade. Os fatos são de conhecimento coletivo. Como nos lembra Arendt (2016, p. 320):

A verdade, posto que impotente e sempre perdedora em um choque frontal com o poder, possui uma força que lhe é própria: o que quer que possam idear aqueles que detêm o poder, eles são incapazes de descobrir ou excogitar um substituto viável para ela. A persuasão e a violência podem destruir a verdade, não substituí-la.

REFERÊNCIAS

AGUIAR. O. **Veracidade e propaganda em Hannah Arendt**. Cadernos de Ética e Filosofia Política. 10, 1/2007, p. 7-17. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/164025/157451>

Acesso em: 20 de setembro de 2021.

ARENDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo**. Trad. Roberto Raposo. - São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. **Entre o Passado e o Futuro**. Trad. Mauro W. Barbosa. - 8. ed. - São Paulo: Perspectiva, 2016.

_____. **A Condição Humana**. Trad. Roberto Raposo; Revisão Técnica e apresentação Adriano Correa. - 13. ed. rev. - Rio de Janeiro. Forense Universitária, 2020.

_____. **Crises da República**. Trad. José Volkmann. - 3 ed. São Paulo: Perspectiva, 2017.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Artigo 37. Disponível em: https://www.senado.leg.br/atividade/const/con1988/con1988_04.10.2017/art_37.asp

Acesso em 22 de setembro de 2021.

G1. Facebook exclui páginas de 'rede de desinformação'; MBL fala em 'censura'. **PORTAL G1**, 25 de julho de 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2018/07/25/facebook-retira-do-ar-rede-de-fake-news-ligada-ao-mbl-antes-das-eleicoes-dizem-fontes.ghtml>

Acesso em 20 de setembro de 2021.

LAFER, Celso. **A mentira: um capítulo das relações entre a Ética e a Política** - Artepensamento. 1992. Disponível em: <https://artepensamento.com.br/item/a-mentira-um-capitulo-das-relacoes-entre-a-etica-e-a-politica/>

Acesso em 21 de setembro de 2021.21

Secretarias Estaduais de Saúde. **COVID-19 NO BRASIL**. Brasil, 2020, 2021, 2022. Disponível em: https://infoms.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-19_html.html

Acesso em 08 de dezembro de 2023.

SENADO FEDERAL. **Projeto de Lei nº. 2630, de 2020**. Disponível em: https://legis.senado.leg.br/sdleg-getter/documento?dm=8110634&ts=1697571574911&disposition=inline&_gl=1*1nk5ri8*_ga*MjA2NTQ5MTE4Ny4xNjc5MTAzNDc5*_ga_CW3ZH25XMK*MTcwMjMxODkzMS44LjAuMTcwMjMxODkzMS4wLjAuMA..

Acesso em 30 de junho de 2023.

SILVA, Marcos Luiz da. **A ideia de espaço público em Hannah Arendt**. Cadernos Zygmunt Bauman. 2017, vol. 7, n. 13, ISSN 2236-4099. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/bauman/article/view/7348/4593>.

Acesso em 10 de maio de 2022.

TJDFT - Tribunal de Justiça do Distrito Federal e dos Territórios – TJDFT. **Marco Civil da Internet**. 2014. Disponível em: <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/marco-civil-da-internet#:~:text=Lei%20n%C2%BA%2012.965%2C%20de%2023,Munic%C3%ADpios%20em%20rela%C3%A7%C3%A3o%20%C3%A0%20mat%C3%A9ria>

Acesso em 08 de dezembro de 2023.

UOL. Telegram manda mensagem em massa ligando PL das Fake News à censura. **UOL**. 09/05/2023. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2023/05/09/telegram-manda-mensagem-a-usuarios-criticando-pl-das-fake-news.htm>

Acesso em 11/12/23.